



Luiza Helena Oliveira da Silva

# Solau do Mal de Amor



 **EDUFT**





Luiza Helena Oliveira da Silva

# Solau do Mal de Amor



2016



**Reitora**

Isabel Cristina Auler Pereira

**Vice-reitor**

Luis Eduardo Bovolato

**Diretora Executiva da EDUFT**

Michelle Araújo Luz Cilli

**Conselho Editorial**

Waldecy Rodrigues (Presidente)

Claudionor Renato da Silva

Jorge Luís Ferreira

Liliana Pena Naval

Milanez Silva de Souza

Renata Junqueira Pereira

**Revisão de Texto**

Rosiani Teresinha Soares Machado.

**Projeto Gráfico**

M&W Comunicação Integrada

**Impressão**

WR Gráfica

**Editora UFT (EDUFT)**

Universidade Federal do Tocantins

AV. NS 15, 105-Norte, Prédio da biblioteca, sala 105.

Palmas-TO, CEP: 77001-090

(63) 3232-8301 - editora@uft.edu.br

www.uft.edu.br/editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins – SISBIB/UFT

---

S586s Silva, Luiza Helena Oliveira da  
Solau do mal de amor / Luiza Helena Oliveira da Silva. – Palmas/TO: EDUFT, 2016.

130 p.:il. color

ISBN:

1. Poesia. 2. Cotidiano. 3. Amor. 4. Falta. I. Título.

CDD B869.1

---

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.**

*Para*  
*Jordan, Naiane,*  
*Gabriel, Theo*  
*e Eric*





*Un peu? beaucoup? passionément?*

*— À la folie.*



*uma poeta:  
dentro do inspirador caos das ruas  
multidão de postagens do Face  
Benedita escreve*



# Sumário

Amor	15
Platão	16
Domingo	17
Natal	18
Meio-dia em Araguaína	19
Memória	20
Movimentos	21
Por que não avião	22
Poemeto cardíaco	24
Ora botas	25
Do tempo	27
Poema brega	28
Salvador 1	29
Salvador 2	30
TV a cabo	31
Autoajuda	32
Denegação ou dos amores sem futuro	33
Declaração de amor no Tocantins	34

Amazônia	35
Rabisco do destino	36
Sherazade 1	38
Sherazade 2	39
Segunda-feira	40
Poemeto amazônico	41
Poemeto cívico-amoroso para o secretário	42
Quase	44
Esvaziar-se	45
Ruptura	46
Processo	47
Do lirismo em tempos de seca	48
Noé	49
Enredar-se	50
Sans sens	51
Babel	52
Jacó e Raquel	53
La soupe	55
Galo	56
Sinos	57
Do amor que acaba	58
Dos problemas estéticos	59
Ausência	60

Dia santo	61
Poema para meu príncipe	62
Poema de aniversário	63
Dimanche	64
Ias em vez de ais	65
Mardi	66
Questões de enunciação	67
Do código	68
Cientificidade	69
Lonjuras	70
Dos males, o maior	71
Mau conselho	72
Primavera 1	73
Primavera 2	74
Primavera 3	75
Poema de madrinha ausente	76
Corpo	77
O amor em tempos de partida	78
Depois de Gabo	79
Do amor ainda	80
Le goût de plaire, ou das flores amarelas	81
Canseira	82
Do gosto pelo desperdício	83

Piaf	84
Poema da meia-noite	85
Café	86
Lacunas	87
Samedi	88
Solteirice	89
Acaso	90
Desespero	91
Destino	92
Un exercice poétique dans une langue étrangère	93
Meio-dia em Paris	94
Brevidade	95
Mercredi	96
Eric	97
Voluta	98
Régimes d'espace	99
Poemas de agosto	100
Cartomante	103
Das ausências	104
Foi comprar cigarro	105
Cantoria	106
Desatino	107
Moto contínuo	108

# amor

construo história amorosa sobre solo arenoso  
pelo gosto da água do mar e do sol  
ao final é sabido, fato certo e dado,  
que em tal contexto precário e instável  
incidirá triunfante como destino  
o final certo preciso e dado

enquanto, porém, se prolonga, narrativa frágil  
palavra vã lançada ao vento,  
impossível promessa, conjuntura inviável  
que encontre as formas da delicadeza  
como orgasmo se dissolva,  
no fortuito terreno arenoso  
amoroso trato contaminando a terra

# Platão

toda linguagem  
traição  
toda palavra  
signo imperfeito  
todo poema  
mutilação da razão  
sombra da sombra  
ilusão

o sentimento insistente  
incapaz de jamais traduzir-se  
mas de que forma apaziguaria  
os sentidos que me traem  
o espírito que busca a forma?

persisto no exercício  
presentificando-o em atraso  
destinatário mais que perfeito  
inscrito como tu em cada linha  
como quem se inscreve em todo pensamento  
e se desenha corpo improvável  
em todo torto incerto equívoco  
de texto

# domingo

com toalha ou sem toalha  
seu corpo horizontalmente estendido  
me provoca  
rouba-me a atenção que dava ao texto bom de Pamuk  
o romancista teoriza  
fala da literatura  
da ficcionalidade narrativa  
você, silencioso, e muito pelo contrário,  
distraindo-me do texto  
é pura realidade sensível  
embora fugaz como uma manhã de Ipanema

# natal

Linha vermelha  
Linha amarela  
que trajetos o amado percorre  
a caminho do Complexo do Alemão?  
vai levar piano para o morro?  
Bach vai entrar na favela?  
vai seguindo emaranhadas trilhas no Rio  
enquanto me embrenho pelo Tocantins  
não sei se um dia volto,  
se de algum modo a gente se encontra  
já é quase natal de novo  
eu vou pra um sítio,  
uma floresta de babaçus,  
ele segue pra outra metrópole,  
entre morros e automóveis  
no telefone, me parece triste  
mas eu me assanho com a segunda-feira

# meio-dia em Araguaína

vou ouvindo Chico e pensando nos privilégios de nosso tempo  
que é tempo de Chico e Saramago,  
de García-Marquez e Steve Jobs

antes, sonhava com o tempo de Mário de Andrade  
e Chiquinha Gonzaga  
queria encontrar Noel na Lapa  
ou, depois, Bandeira na Glória  
mas não

fomos um dia ver aquele “Meia –noite em Paris” e compreendi  
súbita revelação  
o meu ganho  
meu destino  
celeste determinação  
este é o tempo que me era especialmente arranjado

predestinação de poucos, bem-aventurados,  
escolhidos a dedo, catados entre tantos, sorteio divino  
era esse desde sempre traçado nas linhas emaranhadas, contí-  
nuas do tempo  
bem assim, conjuntura perfeita,  
garantindo, sob aparência do acaso e do imprevisto,  
encontro de amor

# memória

por atentar para cada minuto a seu lado  
creio ganhar horas extras, avulsas  
e um dia inteiro parecem muitos  
intensamente vividos  
fosse mais sábia  
nem dormiria  
para economizar o tempo  
que se multiplica, mas que corre  
mas, assim  
enquanto houver memória  
o tempo curto desses dias  
será sentido como o tempo do sempre  
para que nada nada nada desse amor que sinto  
se perca em tantinho  
pra esse amor que é tanto, e ilude o tempo,  
pra que jamais se perca  
ou então se acabe

# movimentos

o vento dá vida aos objetos do quintal  
um balde faz um desenho curvilíneo,  
a vassoura da grama se agita como um pêndulo  
os sinos da varanda balançam alegrinhos...  
todas as nuvens partem certificando:  
agora mesmo é que a chuva demora.  
por via das dúvidas,  
eu que andava cética de encontros,  
deposito esperanças nessa força  
que a tudo desestabiliza  
agitando até os céus:  
mandei um beijinho discreto entre fumaças do cigarro  
que talvez vá descambar no longe

# por que não avião

é preciso muito sol e muita estrada  
vencer cada um desses quilômetros da Belém-Brasília  
observar os passageiros  
as bagagens  
seus rostos, roupas, vozes, esperas  
horas e horas  
caminhões, céu, cerrado  
curvas e retas sem fim  
é preciso demandar todo esse tempo  
se for em sobrevoo, o avião ilude, apaga, daí que não presta  
que é necessário  
atentar para cada pedacinho da distância  
pra todo o cansaço que se inscreve no corpo  
e então saber  
da inteireza, da lonjura  
e ter certeza  
que tudo aqui é sentido  
que tudo aqui significa  
como espaço e tempos  
do que se nomeia longe



# poemeto cardíaco

you não sabe que os corações sucumbem  
de hora para outra uma artéria, uma veia  
uma pressão que sobe, um vaso que se cansa  
reação a um nada, um cotidiano que desembesta  
um rito que não se efetiva  
gesto que não cumpre sua predestinação?  
e em transgressão impossível  
o passo se desacelera, ou perde  
e a vida que era pra prosseguir já não quer mais  
e já não há sentimento, memória, vontade  
que tudo queda sem mais nada?  
pois que um dia o mundo para  
pois que um dia a casa cai  
pois então que considere  
enquanto amor possa lhe dar  
um jeito de seguir comigo  
que meu coração já sofre  
que meu coração apanha  
que meu coração padece  
já demais

# ora botas

no percurso, um par de botas  
molhado de noite de chuva  
em melhor estado do que o do Vang Gogh  
possivelmente, mais novo também  
muito menos valioso  
não era então de Judas  
que aqui as teria perdido  
depois de longuíssima caminhada  
trecho retilíneo e solitário  
quilômetros de florestas de babaçus?  
que sujeito tira as botas  
rejeitando-as no passeio público?  
fugira do quarto da amante?  
despira-se de seus pertences franciscano?  
pisará na terra prometida?  
o córrego ao lado não se presta a suicídios  
talvez calos em madrugada úmida  
desespero do corpo centrado nos pés  
longe de você não perco os tamancos  
nem botas, nem sandálias  
só mesmo o juízo  
e a rima



# do tempo

ao seu lado eu sou feliz  
como deve ser toda tarde no Arpoador

feliz como aquele rapaz de bicicleta  
fazendo da canga colorida uma echarpe esvoaçante  
enquanto driblava cadeiras, pedestres, capoeiristas

ao seu lado, enfim, me perco, esquecida do resto  
ou será que é ao seu lado que então me acho?

todos os dias e noites ao seu lado  
são tardes lindas, de Arpoador

# poema brega

mentira que se os olhos não veem  
o coração não sente  
que se os e-mails não dizem  
e as colunas sociais não evidenciam  
o amor se esquece  
se me encanto com o Dustin Hoffman no filme  
é ainda você que amo  
não é mais ou menos o que declaram  
Zezé de Camargo e Luciano?

# Salvador 1

o barulho do mar chega pela janela  
juntamente com a fala dos baianos ao longe  
não decifro as falas, burburinhos,  
e me roubam da leitura as ondas

# Salvador 2

70 lexicólogos  
e discussões sobre dicionários  
os homônimos têm entrada independente?  
é boa a proposta lexicográfica?

no meio da tarde,  
um passarinho amarelo e cabeçudo  
(na acepção popular para os desprovidos de habilidades da razão)  
se arremessa contra janela  
de novo,  
de novo,  
de novo  
acredita romper o vidro,  
quebrar a blindagem,  
romper a barreira invisível

longe da discussão pedagógica  
medito no passarinho teimoso  
também eu me arremeto contra impedimentos  
de novo  
de novo  
de novo

# TV a cabo

como você me ignora veementemente  
me vingo  
traindo-o com o Al Pacino  
de 1989.

# autoajuda

vou lendo então  
como não chorar cortando cebola  
como tirar manchas da porcelana  
e dos perigos do namorado que viaja  
um deles foi dar um pulo no Maranhão  
e até hoje não voltou

you segue para Paris  
e eu queria aqui uma dica  
de como não sofrer pela distância  
de como não ter mais saudade  
e de como esquecer você  
sempre tão distraído de mim.

# denegação ou dos amores sem futuro

não sei o que fazer

uma saudade que não pode ser mais enunciada  
sob o risco da perda de sentido

uma falta que não se aquieta  
insistentemente anunciada  
espalhando lacunas na alma  
e vazio nos dias

uma distância que não pode ser vencida  
por mero desígnio do gosto  
eventual compra de passagens

tudo bem alicerçado  
por rol de esperanças vãs

tenho exercitado desatenção e desapego  
esforço de negação traduzido como gestos de descuido  
tentativa de desaprender a esperar e a querer

contudo

o projeto se frustra, lógica improvável  
afirmo o desejo  
quando penso esquecer

# declaração de amor no Tocantins

o rapaz, enamorado  
não levou flores, nem cartão, nem vinho, nem poema, nem outro presente  
pra agradar a moça  
depois de tanto tempo longe, pra dizer que se importava  
levou 6 pequis  
e ela então sorriu encantada com o inusitado da vida.

# Amazônia

you could be  
my pink boat  
and then take me with you  
to the depths of a river  
so much pleasure I guess  
in the turbulence of the waters  
in the waves of movement  
irregular and unpredictable  
ah!  
you would be a detour

# rabisco do destino

queria acreditar em reencarnação,  
em destino traçado  
você era meu amor desde sempre  
ainda que disso não desse conta  
nesse seu cotidiano atribulado

o destino, escrito em idioma celeste,  
seria impresso com desenho de fogo em pedra  
para que então um dia tudo,  
em momento certo e preciso,  
garantido por legislação divina,  
ajuntava-nos em nós  
os que um dia foram um  
e ficaram separados

enredados numa trama, trança enviesada  
a gente se unia desde então pra sempre, sempre  
sob os cobertores do frio da sua terra longínqua,  
sob o sol abrasador dos verões eternos do cerrado  
sob o desenho da nossa vida há tanto tempo rabiscado.



# Sherazade 1

Sherazade,  
dei a você todos os meus contos  
narrei para você todas as minhas histórias  
todas as noites lhe escrevo poemas  
narrativas em profusão de fios que se embaralham num sem fim  
sultão indiferente me esqueceu entre os livros  
e que milhares de noites eu ainda teria  
a insistir nas palavras que não retornam para mim?

## Sherazade 2

Sherazade,  
tenho sempre apenas mais uma noite  
e nela todo o desejo do mundo

nunca saber o depois  
jamais a certeza de acordar ao seu lado

prolongo a união frágil e marcada no tempo pontualíssimo e estreito  
por narrativas, fios soltos, prenúncios  
único fio a nos unir, o dos discursos  
contando com as suas grandes pausas e silêncios

não sei mais se insisto ou se me calo  
não sei mais se espero ou se me esqueço  
se amo por insistência  
ou porque não saberia mais ser de outro jeito  
haveria esta vida sem você?  
que outra história eu saberia dizer?

às vezes penso em me entregar ao carrasco  
desistir de mim ao desistir de você  
traí-lo com total desatenção, desafeto  
mas pondo nisso meu intento  
frusto sempre a ruptura

frágil linha, união instável  
para tanta intensidade de amor  
que por obra de um mau gênio  
perdura

# segunda-feira

o dia sempre curto para todos os livros  
a semana sempre célere para todas as teorias  
os meses me escapando na escrita dos artigos  
necessito ir mais a fundo  
na problemática da presença/ausência  
comparar os autores, subtrair-lhes conceitos e modos de ver  
o mundo, os sentidos, as relações intersubjetivas  
mas  
no meio do parágrafo,  
atravessando uma vírgula  
me distraio  
as palavras tornadas significantes inexpressivos  
manchas na página  
a falta de você se instala enorme, apaga a linha,  
invade o quarto,  
uma outra necessidade me rouba o tempo  
a vida muito curta para esse amor de Jacob

# poemeto amazônico

minha casa  
muito sol  
cinco iguanas  
um papagaio  
nenhum namorado

# **poemeto cívico-amoroso para o secretário**

imagino  
certamente uma bandeira  
certamente um hino  
você de terno e gravata verdes  
solene e bonito em manhã de setembro



# quase

imóvel há tanto tempo  
o olho sem gosto por vagar  
sou quase estátua  
à espera de pombo  
que então chovesse  
para eu não chorar

# esvaziar-se

depois de tantos textos  
o amor vai se acabando sem palavras  
nem poema nem verso nem memorando  
nenhuma ata a atestar o fim  
o amor se esvai com o tempo, o calor, a vida  
desfeito em muitos silêncios

# ruptura

dissidências ideológicas  
equivocos comunicacionais  
territorialidades distintas  
o amor não vence tudo  
e se perde em (in)traduções

# processo

nenhum amor em mim acaba  
ou se esquece  
talvez que se perca nos ocos do peito  
vazios silêncios  
impossíveis de sentido

# do lirismo em tempos de seca

verão absoluto  
nem hipótese ou prenúncio de chuva  
40, 41, 42, 43 graus  
baldes de água para muito suor  
baldes de água para as flores minguando no jardim  
baldes de água para que a vida prossiga  
e alguns rios dos olhos escapem enfim

# Noé

quando vim para o Tocantins  
pus na arca o que deveria salvar do dilúvio  
os filhos, os livros, o amor por você  
as águas não baixaram  
a ave não retornou com o anúncio da terra  
instável e sem parada  
sobrevivo em trânsito sobre as águas  
pelos filhos  
pelos livros  
pelo meu amor  
que é você

# enredar-se

amor na rede  
sobram braços e pernas  
sobram risos na tarde  
os corpos se ajustam  
se encontram  
se enamoram  
você não se lembra, meu bem,  
como matávamos tardes e noites  
num tempo tocantinense?  
como nos entregávamos certos da ruptura  
data da partida antecipada  
bilhete de viagem?  
e no entanto  
a rede nos encontrava  
esquecida como pêndulo  
do tempo que não perdura

# **sans sens**

pelo modo como vivo  
sei que a vida me escapa  
ainda que seja seu coração que adoça  
o meu para, estupefato  
súbita perda de sentido

# Babel

em Paris  
café de proprietários árabes  
na TV  
uis e ais em francês  
sopapos internacionais  
chineses? japoneses?  
luta contínua, contínuo de significantes,  
num contínuo de tempo  
nenhum sentido  
sob a toalha rouge  
mãos francesas acariciam pernas brasileiras  
vinho  
rósea boca  
fim de tarde  
desejo  
o cigarro lá fora  
aquietará a alma  
cá dentro já perdida?

# Jacó e Raquel

pra tanta chuva  
tão pouca sombrinha  
pra tanto amor  
tão curto o verso  
pra tanta palavra  
tão pouca poesia



# la soupe

enquanto caminha  
tento um verso torto  
último poema  
de fim de dia  
a inspiração são as suas sopas  
sem gosto e coloridas  
distraindo os olhos  
traindo o paladar  
hoje vermelha  
amanhã verde  
as cores do arco-íris  
somando-se ao prato  
chegando-lhe à boca  
que se recusa  
à tentação  
mas o poema não toma consistência  
falta-lhe espessura no caldo  
um tanto de sal  
de densidade  
o que rima com alho?  
o que traz a pimenta?  
nenhum sabor, nem legumes  
no poema insípido  
de carne ausente  
alors  
no fim do dia  
seu poema não vem  
a inspiração claudica  
o amor, então,  
o amado que caminha  
ficará a ver navios?  
verso sopa  
despalavra  
é tudo amor  
e desatino

# galo

não sei se é coisa de galo do Norte  
espécie rara ou comuníssima  
é galo que não anuncia qualquer ruptura, qualquer novidade  
galo de canto contínuo  
o dia todo cantante e exaltado  
anuncia a chuva e o calor  
nos meses de chuva e calor  
que a vida aqui do mais difere  
que talvez os galos se distingam  
que pode haver de tudo debaixo desse sempre sol  
que não é dado a relógios e disciplinas  
que é dado a exageros e estridências  
que não é afeito a silêncios e sussurros  
indiferente à monotonia e às decisões do tempo  
canta venturoso e inquieto  
que a vida pode ser subvertida  
que a vida pode não ter ritmo preciso e certo  
que um galo pode ser feliz  
galo sem limites  
então sou dada a dúvidas  
então sou dada a devaneios  
dada a muitas impropriedades  
destemperos  
e um poema me tenta em noite de domingo  
como canto de galo  
em estridência de amor

# sinos

o poeta brasileiro  
escreve o que geme o sino  
“pobre Alphonsus, pobre Alphonsus”  
um sino estranho marca a hora de me despedir de você  
em seu chateau  
d’Asnière  
ouço o sino enquanto fumo nos degraus da entrada de sua maison  
não entendo o que diz  
o que insinua  
mas olho as nuvens tocadas ligeiras pelo vento  
e o rumor do avião apressado  
invisível no céu

o cigarro acaba devorado em minhas mãos  
o tempo corre  
o sino eu não traduzo

# do amor que acaba

virasse água entornava o oceano?  
ou breve onda, talvez  
virasse fluidez solta no ar  
alguém o pressentiria?  
raiva e rima?  
guarda-se dentro para exercício futuro?  
esquece-se numa sinapse  
que já não dá liga?  
que vira dor e saudade  
que vira falta e desprezo  
que vira amor ainda  
e é silêncio?

# dos problemas estéticos

o amor que lhe ofereço é *kitsch*  
você sabe  
não há em mim lugar para contenção  
ou bom senso  
passo longe do clássico  
mas também do barroco  
porque para este me faltaria erudição  
tensão da ordem da profundidade  
seminal

rasa como água na praia  
solar  
enganosa como as pinturas mediúnicas  
muita narrativa  
muito misticismo  
inefável e improvável  
crédula

na minha casa que não visita  
as cores diversificam-se  
em mistura e desarranjo  
os pássaros estridentes que ouve pelo celular  
são proletários e comuníssimos  
exagerados e excessivos como eu  
então, que às vezes penso  
distraída na busca de compreensão  
por que ainda prossegue  
tão dentro de mim,  
já quase que ao meu lado?

# ausência

ritmo das ferramentas de pedreiros  
máquina de lavar roupa  
panelas  
passarinhos  
confundo tudo ouvindo o toque do celular  
que emudece  
sua presença em todas as coisas  
textos teóricos, objetos do mundo  
paisagens na manhã  
você não vem

# dia santo

sem Cosme  
sem Damião  
sem Mury

# poema para meu príncipe

sinto-me aquela personagem do Scliar  
pode sentar-se e discutir junto aos sábios  
tem acesso aos pergaminhos  
inventa narrativas sobre o começo e o fim do mundo  
impõe-se junto ao mundo dos homens,  
mas, ao final,  
não dorme com seu amado  
rei Salomão

# poema de aniversário

*para Márcio Melo*

pensei em lhe dar sabonetes de aniversário  
tenho experiências de seu cheiro  
sutilmente chegando a mim num abraço  
depois do banho  
os sabonetes deslizariam pelo seu corpo  
se aconchegariam na sua pele  
instável e fragílima tatuagem  
amo você não por algum prazer físico  
atual ou pretendido  
amo-o pela sua alma bonita  
traduzida em versos de amor triste

# dimanche

despacho o domingo  
como se me livrando de um encosto  
a tristeza rondou-me a casa, o corpo, a alma  
enquanto isso,  
quatro roseiras ofertaram-me cores  
promessas em seus botões

# ias em vez de ais

acordo, dia escuro  
de um sonho feliz  
que então mentia  
que me importa se era sonho  
se o que nele havia  
de leveza e alegria  
migrou do sonho  
para meu dia?

# mardi

Paris  
vin rouge  
canto sambas na sua cozinha  
o que ontem era tristeza  
hoje virou Cartola,  
poesia

# questões de enunciação

meus familiares e amigos de infância  
me chamam Luizinha  
meus amigos que se somaram depois  
me chamam Luiza  
Lu  
às vezes, Helena  
para meus filhos sou apenas mãe  
para Naiane, sou sogra Lu  
Irene me chama Maria  
meu namorado  
me chama meu bem  
minha querida  
ma chère  
e, às vezes, Elisa  
referência a uma personagem  
de livro que não conheço  
mas que fala de amor,  
história de amor que sei  
são essas pessoas que contam na minha vida  
somam, multiplicam, fazem diferença  
as que me tomam em terceira pessoa  
referente impessoal  
não me interessam  
interessa-me o meu amor  
que, sem que me chame  
eu já o ouço

# do código

seu nome estava em todas minhas senhas  
e-mails  
portais de compra de livros  
diários online  
banco  
era fácil você entrar na minha vida  
tinha a chave, ainda que não soubesse  
seu nome abria meu dia  
segredos  
coisas que só você sabe  
do meu corpo  
das minhas tristezas com e sem causa

seu nome permanece  
repetindo-se ainda como senha  
mas meu coração não se abre  
porque me falta agora o sentido  
do nome que me revelava

# cientificidade

o ex-namorado tinha todos os defeitos  
e os enumero todos, pesando-lhes a gravidade  
organizo-os, estabelecendo critérios  
os imperdoáveis  
os politicamente incorretos  
os engraçados  
os incompreensíveis  
os charmosos  
os mais amenos  
etc  
e comemoro que estejamos separados  
a correta decisão  
uma das poucas coisas certas na vida  
mas ele me faz falta  
todos os dias  
e nada disso importa  
nada disso apaga  
nem ameniza  
nem faz esquecer  
o amor que teima  
e persiste

# lonjuras

o amor está sempre  
do lado  
de lá

# dos males, o maior

nas feiras do Norte  
há garrafadas que curam tudo  
mistérios de ervas e combinações  
maus olhados e quebrantos  
dores do corpo  
infecções  
ou que talvez seja promessa  
leio os shampoos que compro agora  
efficité éprouvée  
renforçateur  
pour cheveux fragiles  
tendance à tomber  
cheveux difficiles  
thermo-protect...  
há tanto para os cabelos  
haverá tanto para o coração?  
pensando em Bandeira, decido  
ontem tomava tristeza  
hoje só tenho a poesia.

# mau conselho

nenhum amigo me peça conselhos  
bom senso, consolo, orientação  
quer saber o futuro? o que fazer?  
pergunte a Deus  
consulte um oráculo  
ponha-se em jejum  
faça penitência  
peça perdão por existir

sou má companhia  
tenho gosto por precipícios  
arrisco o pescoço  
como o que me sobra do peito  
exausto de amor e cigarro  
lanço-me sobre despenhadeiros, sempre  
vocação para acidentes e tormentas  
ouço todas as sereias e encantadores  
sou um tipo de ave descuidada  
e que não voa

# primavera 1

que relacionamento não seria aberto  
à sua deriva, ao seu destino, aos seus desvios?  
que vida a dois que não de acidente  
o inesperado, fantasma à porta, pelo bem, pelo mal...  
a primavera povoa as árvores  
são tantas flores cor de rosa!  
o vento as leva, em exercício sutil  
uma festa do pijama ontem  
e todos foram dormir  
meu coração sem pijama avançou a madrugada  
à espera do dia, do sol na janela do quarto  
o coração sem pijama pensa os amores  
aberto ao inusitado, ao imprevisto  
que tudo é partida sempre  
o fantasma anunciado povoa o quarto  
mas há flores no jardim

## primavera 2

eu prestei tanta atenção  
porque partia  
cada momento pra guardar  
em memória frágil sem seu calor  
o olhos  
o leonino rugido  
o modo de gozo  
a cor branca do corpo  
a cor branca da barba  
as pernas frágeis  
suas muitas dores  
cabelos desfeitos no exercício da entrega  
minha janela tem grades  
meu coração nunca teve

# primavera 3

o tempo sempre curto ao seu lado  
fez fugir a tarde em Saint-Germain  
um dia me citou Greimas  
rindo de quem crê que o amor  
pudesse ser pra sempre  
você não sabe  
mas o amor é minha casa  
jamais se esquece ou se perde  
segue comigo pour toujours, pour toujours  
e ainda mais se for por você  
que saiu dos livros  
pra entrar na minha vida

# poema de madrinha ausente

*para Maria Helena e Guto*

amigos se casam em breve  
encomendam-me um poema  
verso de casamento  
rima de cerimônia  
choro de madrinha  
roupa nova no armário  
flores por todo o espaço

penso no amor  
a quem encomendá-lo?  
se ele chega e o mimo  
se lhe dou cuidados  
um excesso?  
ele parte de qualquer modo  
exaurido  
exausto  
que os amores vêm e partem  
meu destino

mas alguns se casam  
pra sonharem juntos  
dormir e acordar  
as mãos unidas no cinema  
dividir o peso do mercado  
a conta de luz  
e as coisas que não se conta  
um lado da cama  
lado a lado que é pra sempre  
que o amor seja lindo  
e nunca breve

# corpo

uma vez você segurou o meu seio esquerdo  
primeiro gesto atrevido  
até hoje ele guarda lembrança dessa posse  
é seu  
suas mãos ainda repousam nele, como presença  
e memória  
depois, meu corpo todo ficou sendo seu  
e você me habita

# o amor em tempos de partida

para Gabo

durante décadas  
permaneci a sua espera  
minha Fermina Daza  
não toquei violino  
mas escrevi cartas  
até que a recebi em meus braços  
o barco ancorou, enfim,  
partiste sem olhar para trás  
não quiseste a continuidade  
o caminho previsível  
a mornidão dos dias ao meu lado  
não sabias que haveria tempestades  
e que podia segurar-te as mãos  
o amor não valeria o risco?  
não me arrependo das esperas  
porque a espera me conformou os dias  
morre, enfim, García Márquez,  
eu, Florentino, me dispo?  
que faço eu com as narrativas?  
com uma história amor que é sem volta?

# depois de Gabo

troquei de embarcação  
em meio ao rio  
longe das margens  
em adiantada viagem

deste-me as mãos  
e eu te amei  
conheceu-me em meu outono  
matriarca  
queria dar-te um filho  
tardei a encontrar-te  
trouxeste-me a primavera roubando flores  
deste-me teus agasalhos no inverno  
estaremos unidos no verão?  
talvez eu, breve turista, em teu destino  
eu te seguiria para sempre  
ainda que indecente e insignificante  
a eternidade que a vida nos permite  
ou que por respeito à ordem do mundo  
não desviemos em nada  
o curso do rio que nos abriga neste instante

# do amor ainda

you tem seu trabalho  
traduções  
artigos  
capítulos de livro  
volume de cartas que aguardam resposta  
encontros  
convites  
eventos  
seminários  
a mesa do café acompanhada de acadêmicos  
a invencível pilha do *Le Monde* a sua espera  
...  
mas me abre seu coração de menino  
uma brecha em sua vida de muitos amores  
é nele que então me instalo  
com sublime respeito  
com o que encontro em mim de ternura

# ***le goût de plaire, ou das flores amarelas***

idênticas, multiplicadas à profusão  
incontáveis  
inumeráveis  
anônimas  
mesmas vestes a não provocar qualquer surpresa  
repetindo-se cotidianamente  
despretensiosas  
tenho amor por elas  
como se gozásemos na mesma natureza  
ordinária invisibilidade  
mas avançam sobre o gramado  
põe-se vestidas de amarelo sob o sol  
insistem sem outro destino que lhes coubesse  
talvez por um acidente  
puro acaso do impossível  
encantem quase imperceptivelmente  
uma distração do seu olhar

# canseira

meu bem,  
não queria lhe dar a canseira das minhas declarações de amor  
dos poemas sem ritmo e rima  
imperfeita métrica  
fossem ao menos clássicos sonetos  
ou produzissem barrocos efeitos  
mas têm apenas o exagero das minhas saudades  
ausência de trato melhor com a linguagem  
na falta sua que não tem remédio

# do gosto pelo desperdício

alguns têm um precipício à sua frente  
outros o têm dentro de si  
vou lá, um passo mais à esquerda  
pertinho, enamoro-me  
tem seus encantos o vazio?  
centímetros a mais,  
já não há volta  
muitas vezes chego rente  
a esse sem fundo que me puxa  
que me arrasta para o fim

# Piaf

ontem, caminhava com meu amado  
por entre árvores  
em passeio que um dia ganhara nome de cor  
aleia rosa  
o tempo, a chuva, os caminhantes  
tudo depôs contra sua permanência  
pequenas pedras emergem do cimento,  
exibindo-se entre restos que persistem  
da cor que fenece, desbotando-se

naquele momento contudo, eu sabia  
ma vie était rose

# poema da meia-noite

já tive muitos namorados  
que talvez nem desconfiem  
da minha urgente competência pragmática  
nenhum beijo foi dado de graça  
foi sempre um caso de amor

# café

a moça tem uma saia verde com desenhos de zebras  
margaridas nos cabelos e uma bolsa de estampa de flores  
a chuva se foi, os pombos voam na praça  
seus gestos se aquietam no trabalho da tradução  
preguiçosos meus pensamentos fogem do computador  
detendo-se na moça que merece um poema  
a tarde mereceria todos os poemas  
porque todas as tardes viram poemas  
quando estou com você

# lacunas

há pessoas que perdem uma perna, ou um braço  
anos e anos ainda sentirá a parte perdida  
uma presença, um comichão, uma dor, um movimento  
um não sei o quê que atesta sua permanência  
com o amor que a gente tira do peito também é assim  
o sujeito não está mais lá, partiu, embora para sempre  
mas algo lá dentro parece insistir  
uma presença, um comichão, uma dor,  
num movimento que não cessa,  
esquisitice que não acaba

# samedi

para Wagner Silva

hoje nem foi dia de namoro  
sábado de trabalho  
mas meu amor estava comigo  
cada um cuidando de seu texto  
é que os dias que passamos  
ao lado de quem amamos  
são santos, feriados, domingos, primaveras, natais  
há uma festa na maison  
nem fui convidada  
mas há festa na minha vida  
se temos uma presença amorosa  
a vida é uma festa, Wagner  
espie a noite, na rede  
e conte as estrelas antes de dormir  
talvez seja hoje páscoa  
a lua talvez cheia  
e a vida lhe prometa poesia

# solteirice

fui sempre avessa a casamentos  
rejeitando pedidos e esperanças  
algumas vezes quis casar  
porque o amor era muito  
e sonhava constâncias  
mas os respectivos sujeitos  
fugiram sem acreditar  
porque era impossível  
bem já sabido  
mas estando assim sem limites  
o nome mantido o mesmo  
ainda da Silva, como no batismo  
pude amar muito  
a vida inteira  
e alguns  
ao mesmo tempo  
e talvez sempre  
todos eles

# acaso

um caso amoroso  
um acaso  
que não casa  
não se fixa  
não se prende  
não se perde  
no limite da experiência  
entre permanecer e partir  
virasse uma esquina,  
não via  
seguisse à frente,  
não encontrava  
apressava o passo,  
não percebia  
fugia  
descansava sob as árvores,  
distráia  
dormia  
como explicar  
o improvável  
o inefável  
do acaso  
que permite  
o nascimento  
e a duração do amor?

# desespero

o que esperar de um amor  
que se inicia sob o decreto  
de sua impossibilidade?  
desesperança?  
realismo cínico como você denomina  
utópico pragmatismo  
faltam-me esse senso de real  
e a natureza para o cinismo  
faltam-me os sentidos da incerteza  
a espera do inesperado  
o risco ao qual de bom grado  
me submeteria  
sem pensar

# destino

enquanto você acolhe destino de andorinha  
sou velho carro engasgado  
pega, não pega, pega, não pega  
faz barulho e não vai  
um dia há de receber um bom tranco  
pra lataria ruidosa desembestar pelo mundo  
em busca do tempo perdido

# un exercice poétique dans une langue étrangère

non, non, non  
Je ne pouvais pas vous séduire  
au début en créant  
la première asymétrie qui nous amène à la fin  
un ajustement des corps?  
un dialogue des âmes?  
vous m'appelez comme un abîme pur  
et je me donne à l'expérience  
qui m'effraie  
et qui m'enchanté

# meio-dia em Paris

meu amado não escreve cartas de amor  
ocupado, sério, pragmático  
comprometido com a ciência, o saber  
frente à vida me distraio  
em meio ao trabalho,  
é nele que penso  
nada há para dizer-lhe  
que mudasse o mundo  
que surpreendesse  
que acrescentasse vírgulas e interrogações  
ao andar da carruagem  
nesse dia de labor sob o sol  
o poema é tão somente  
como o são os beijos gratuitos  
a inventar a sua urgência  
pretende apenas falar de amor  
numa tarde de segunda-feira

# brevidade

amo um homem que me ama  
e adormecemos juntos, emaranhados  
nossos corpos se ajeitando  
em combinação de aconchego  
e ele me fala de que nosso pra sempre é breve  
que talvez desapareça  
que seu tempo foge  
que a vida lhe escapa  
esse poema é impublicável  
mas é que há uma dor, uma falta  
que não cabem só em mim

# mercredi

somos de um tempo de confisco e interdição  
o amor resiste não porque não esteja constrangido  
entre deveres e culpas  
mas porque acontece de qualquer jeito  
no peito que o abriga  
inventando suas leis, subvertendo a ordem do mundo  
derruba os que se assentam sobre o muro  
e fazem cara de paisagem  
não é para turistas  
que observam a vida  
por trás das fotos dos melhores passeios  
é para os que aterrissam com gosto  
e às vezes submergem  
de um ou outro jeito  
é sempre “de com força”

# Eric

encontrei-o numa tarde de chuva  
encantaram-me os olhos azuis  
espelhados na camisa  
nunca mais nos reencontraríamos  
o amor?  
duraria aquela tarde inteira  
porque era esse o tempo  
de seu curto destino

# voluta

por um momento,  
os corpos e almas se enovelam sobre si  
se confundem em exercício, gestos  
em entrega cúmplice  
depois  
se despregam  
se dissolvem  
se arrebatam contra as pedras  
se diluem em outros movimentos  
a onda acaba  
os dançarinos se despedem  
apenas as andorinhas inventariam novos desenhos  
em estridência no céu da tarde  
fazendo estardalhaço  
no adormecido campo de trigo  
os passos dos amantes então seguem sua trilha  
destino incerto  
para os dançarinos, há uma narrativa  
para os amantes, nenhum texto  
que levam do encontro?  
o prazer se desenha no corpo  
agora apartado do amante?  
há os que casam  
dispostos à certeza das andorinhas  
e inaugurariam novos desenhos em outras muitas tardes  
e outros que procuram sentido  
como água que era movimento de onda  
e agora é incerto movente desenho  
na areia

# régimes d'espace

demito-me da empreitada impossível  
de aquisições de souvenirs de Paris  
quantas torres eu distribuiria pela casa?  
quantos objetos made in Hong Kong  
a lutar por espaço e sentido?  
quantos lenços indianos  
e quinquilharias com inscrições em francês?  
a luta é desigual, o resultado dado de antemão  
é preciso seguir com todas as ausências  
e reinventar sentidos  
para meus grandes espaços  
subitamente vazios

# poemas de agosto

## I

veio a palavra  
ei-la na ponta da língua  
relutante, esquece-se, abortada  
conceito à procura do justo significante  
que resiste em sábio estado de silêncio  
a palavra não se defenestra  
não quer fazer vingar o discurso no mundo  
resiste a lançar-se no verão de agosto?  
ou por que você não me perdoará jamais?

## II

antes que enlouquecesse  
veio a chuva  
mas não sei  
talvez já esteja louca há tempos  
camisa de força no guarda-roupa  
há em estilo minissaia?  
guardo, às vezes, até serena  
a hora de pôr-me aos cuidados médicos  
quem me dera bordar como arthur bispo do rosário  
esquecida dos memorandos e artigos  
das orientações e prestações  
entre paredes e palavra  
entre costura e delírio



### III

se a poesia for bem assim  
num certo ritmo  
num certo arranjo  
numa certa escolha  
dum certo jeito  
e encontra o sujeito à sua espera  
mesmo nem sabendo grávido de vontade  
a comunhão se faz  
átimo de tempo  
e o texto é então  
o antro  
a perdição  
ou achamento

# cartomante

onde o mistério da consulta aos oráculos  
se agora passado e futuro  
se desenham em segundos  
em testes do face?  
ninguém mais pede o retorno do amado  
e mais nenhuma vela se acende  
porque a este, o que parte, se seguirão outros  
em rapidez de substituição  
é assim que o amado me trocou pela primeira louca  
e sua facilidade de sorriso  
as linhas das mãos jazem ininteligíveis,  
a interpretação das cartas se perde  
enquanto resisto anacrônica  
sem acreditar nas profecias matemáticas  
nas combinações aleatórias de perfis  
e no amor que não dura

# das ausências

a julgar por tantos anúncios  
e outros gêneros a narrar partidas,  
é da competência dos amados  
amar de menos e andar demais  
sempre indo-se mundo afora  
desinteressados da volta e do que fica.  
há, ao final, pouca poesia para os que permanecem  
e o que seria do emprego pra tanta gente  
se não houvesse a lamentação da falta?  
bem-aventurados os que choram  
porque são eles que escreverão os versos

# foi comprar cigarro

quando me advinha triste,  
faz promessas de retorno  
ele sabe que ainda o amo  
mesmo sem crer na espera?

# cantoria

passarinhos na varanda  
fiéis da igreja ao lado  
concorrência que anuncia  
o domingo em cantoria  
os fiéis porque Jesus nasceu  
os passarinhos porque há sol  
para ambos não há pecados  
e até eu me esqueço dos meus

# desatino

essas empresas aéreas  
achando que quero ir para Orlando...  
não imaginam que o que desejo  
é me esquecer no Tocantins  
namorar boto no Araguaia?

# moto contínuo

de Quixote trago com mimos e pompas  
mania de peripécias sem propósito  
persistências sem razão  
e essa escritura que se repete  
pela Dulcineia sempre ausente